
Dispositivo de Monitorização dos Cursos Profissionais (2013-14)

Orientação Educativa & Ensino Secundário

Câmara Municipal de Cascais

Departamento de Educação e Desporto
Divisão de Intervenção Educativa



Cascais

Câmara Municipal

Introdução

O Ensino Profissional, que apresenta um percurso com mais de vinte anos em Portugal, tem sofrido algumas alterações desde a sua criação nas escolas profissionais, em 1989, tendo surgido por acção dos Ministérios da Educação e do Trabalho, e por um conjunto de pessoas e instituições que já reivindicavam este tipo de ensino há algum tempo. Esta modalidade de ensino tem assim contribuído para a motivação e realização pessoal de muitos jovens, buscando a sua qualificação numa determinada área do saber técnico e profissional, e ainda do desenvolvimento pessoal e cívico, cooperando também para a redução do insucesso escolar. (Azevedo, 2013)

Visto como um caso de sucesso, em 2005, o Ensino Profissional foi alargado às escolas secundárias de ensino público. Contudo, e como refere Azevedo (2009), é necessário ter presente a discrepância institucional existente entre as escolas profissionais e as escolas secundárias. Esta foi uma decisão política que levou a uma “explosão” do ensino profissional, impregnada de uma forte determinação, trazendo consigo diversas possibilidades e abrindo novos horizontes de acção às escolas, ampliando assim o seu leque de ofertas formativas e oportunidades educativas. No entanto, apesar de existirem escolas secundárias que se prepararam e continuam a investir adequadamente para responder a esta nova modalidade de ensino, com qualidade, já é perceptível, em muitas outras escolas, a “(...) canalização dos «meninos do insucesso» para os cursos profissionais, criando assim um novo tipo de «guetização» e uma nova «solução educativa» para os jovens que reprovam e que «não estão preparados para prosseguir estudos superiores» (...)” (Azevedo, 2009, p.40)

Hoje, a organização dos cursos profissionais (princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos, avaliação dos conhecimentos a adquirir e das capacidades a desenvolver pelos alunos e processo de desenvolvimento do currículo) obedece ao que está estabelecido no Decreto-Lei n.º 91/2013 de 10 de Julho (que procede à primeira alteração do Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de Julho), sendo reforçado pela Portaria n.º 74-A/2013 que estabelece as normas de organização e funcionamento, avaliação e certificação dos cursos profissionais. Contudo, é conferida autonomia pedagógica e organizativa às escolas no que diz respeito à gestão da componente curricular e também de outras componentes do currículo

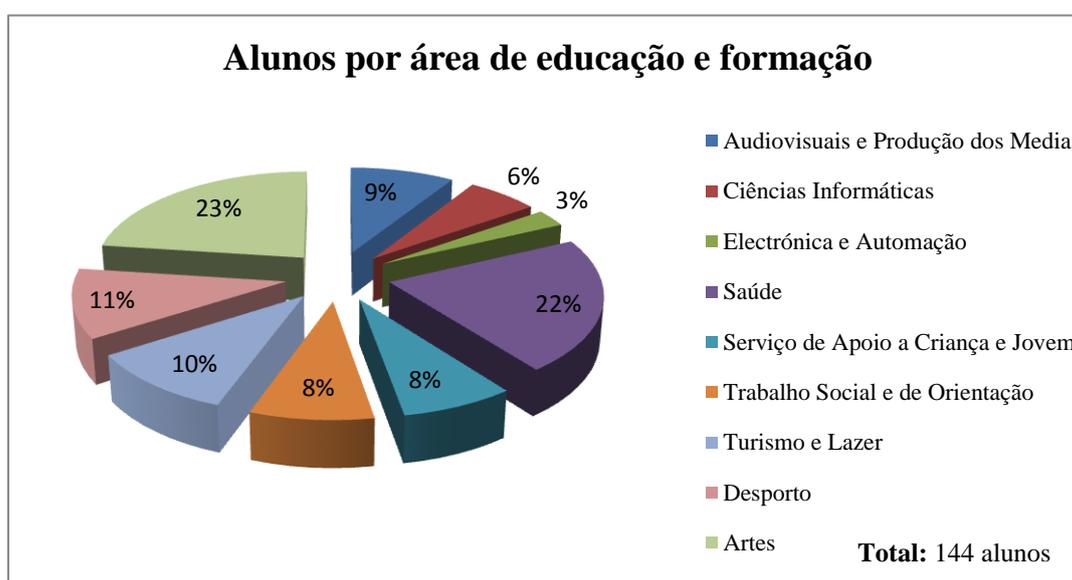
Assim sendo, é importante procurar compreender o que se passa hoje com a abertura repentina e massiva de cursos profissionais em escolas secundárias, assim como perceber a actual situação das escolas profissionais, no sentido de

“Acolher todos os jovens e construir com cada um caminhos de desenvolvimento e de sucesso, fazendo do currículo um campo de oportunidades educacionais e não apenas um círculo de prescrições a cumprir, esse deveria continuar a ser o horizonte de atuação de cada escola, seja secundária seja profissional.” (Azevedo, 2009, p.39)

Contextualização do Estudo

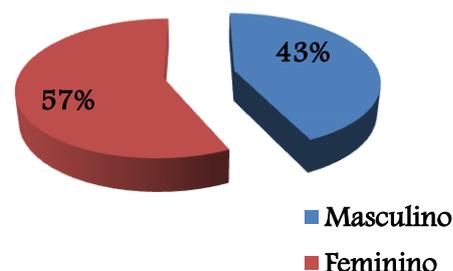
O presente estudo diz respeito ao Ensino Profissional no Concelho de Cascais, tendo como objectivo recolher as percepções de alunos e professores relativamente aos cursos que frequentam e orientam, respectivamente. Para tal, foram escolhidos 10 cursos (de escolas públicas e profissionais), pertencentes às seguintes áreas de educação e formação: Audiovisuais e Produção dos Media; Ciências Informáticas; Electrónica e Automação; Saúde; Serviço de Apoio a Criança e Jovem; Trabalho Social e de Orientação; Turismo e Lazer; Desporto; Artes.

Segundo uma amostragem por conveniência, e por forma a obter uma visão mais experiente, os participantes do estudo compreendem os alunos finalistas dos cursos profissionais e os respectivos directores de curso. Contou-se assim, com a participação de 144 alunos e 10 directores de curso:



Para cada grupo de participantes (directores de curso e alunos), optou-se pela utilização de diferentes instrumentos de recolha de dados, nomeadamente, a entrevista semiestruturada, para os directores de curso, e o questionário e *focus-group* para os alunos, sendo que este último (o *focus-group*) apenas foi aplicado a cerca de 3/4 alunos de cada curso profissional. Realizaram-se, assim, um total de 10 entrevistas semiestruturadas e 10 *focus-group*.

Importa ainda referir que da amostra total de alunos, 57% são do sexo feminino enquanto 43% são do sexo masculino. Destes alunos, 54% apresentam retenções escolares.



Apresentação e Discussão de Resultados

Alunos

No presente segmento serão analisadas as percepções dos alunos relativamente ao Ensino Profissional. Por forma a facilitar o processo de análise, estas foram convertidas em categorias/subcategorias (criadas a partir dos *focus-group*), estando aqui presentes apenas as que se referem única e exclusivamente a este grupo de participantes.

Dimensões de Análise	Categorias de Análise	Subcategorias de Análise	Frequência Relativa (%)	Frequência Absoluta (%)
1. Cursos profissionais	1.1. Representação do Ensino Profissional	Representação do Ensino Profissional mais ligada a mundo do trabalho	90%	47%
		Representação ‘desvalorizante’ do Ensino Profissional	90%	47%
		Representação valorizada pelos actores do meio	10%	6%
2. Percurso Escolar dos alunos do Ensino Profissional	2.1. Ser aluno do Ensino Profissional	Alunos Excluídos e Desvalorizados	40%	36%
		Alunos com formação mais próxima do mundo do trabalho	60%	55%
		Alunos mais bem preparados para o ensino superior	10%	9%
	2.2. Adaptação ao Ensino Profissional	Dificuldade de adaptação à exigência do curso e às disciplinas	80%	33%
		Dificuldade de adaptação à componente teórica do curso	30%	12%
		Dificuldade de gestão social e emocional	40%	17%
		Boa adaptação ao curso e às disciplinas	90%	38%
3. Potencialidades e Perspectivas Futuras	3.1. Potencialidades do Curso	Contacto com a prática	30%	27%
		Relação de proximidade com os professores	40%	37%
		Possibilidade de trabalhar no local onde se estagiou	30%	27%
		Aposta no Ensino Superior	10%	9%
	3.2. Perspectivas de Futuro dos Alunos	Ingresso no Ensino Superior	70%	32%
		Preparação para o Ingresso no Ensino Superior	20%	9%
		Entrada no mercado de trabalho	80%	36%
		Realização de Formações Complementares	50%	23%

Quadro 1: Percepção dos Alunos face ao Ensino Profissional no Concelho de Cascais

Para iniciar esta análise serão apresentadas as representações que os alunos têm face aos cursos profissionais e face às percepções que outros têm dos mesmos, das quais importa salientar as duas mais expressivas, referidas por 90% dos cursos. Na primeira, *Representação do Ensino Profissional mais ligada ao mundo do trabalho*, os alunos destacam esta modalidade de ensino como uma alternativa ao ensino regular, em que existe uma forte conjugação entre a prática e a teoria, na qual se evidencia uma predominância da componente prática: "(...) *uma alternativa para uma pessoa... por exemplo, o meu caso de não ter tanta teoria, mas ao mesmo tempo ter teoria e prática.*" (C2, p.2). Estes alunos referem ainda que esta ligação à prática proporciona experiência e uma primeira adaptação ao mundo do trabalho, numa área específica: "(...) *o facto de ser ensino profissional dá-nos a experiência para o mundo do trabalho e para nos adaptarmos basicamente a uma futura profissão que iremos ter.*" (R4, p.1).

Na segunda, *Representação 'desvalorizante' do Ensino Profissional*, as percepções que sobressaem dizem respeito ao ensino profissional como algo pouco valorizado pela sociedade, sendo visto como mais fácil, e direccionado para os alunos com mais dificuldades, pelo que realiza também uma fraca preparação dos alunos para os exames nacionais: "(...) *os cursos profissionais são vistos para as pessoas que têm mais dificuldades, e não conseguem entrar nos sectores normais para estudarem (...) porque não têm capacidade para ir para o ensino normal.*" (C2, p.2). A terceira representação, *Representação valorizada pelos actores do meio*, apenas referida por 10% dos cursos, destaca o valor que é dado ao ensino profissional por intervenientes, actores e organizações do meio envolvente, que têm conhecimento do trabalho que é realizado nas escolas e nos cursos.

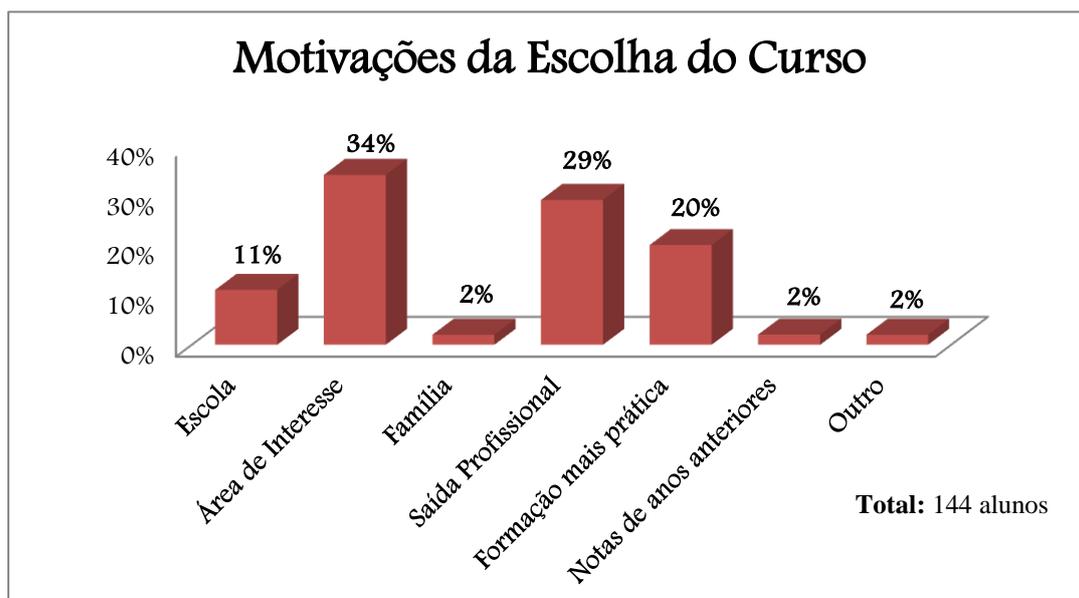
No que concerne ao *Percurso escolar dos alunos do Ensino Profissional*, tentou-se compreender como é que estes jovens se sentem enquanto alunos do ensino profissional, e perceber aspectos significativos face à sua adaptação neste tipo de ensino. Assim, e no que diz respeito a *ser aluno do ensino profissional*, estes alunos sentem-se excluídos e desvalorizados (referido por 40% dos cursos), pelo que afirmam ser menosprezados e diferenciados, o que por sua vez, influencia o ingresso no ensino superior:

"Acho que os alunos do ensino profissional são um bocado menosprezados (...) Quando eu entrei para o curso disseram-me que eu ia pelo facilitismo, e então eu acho que as pessoas pensam que os cursos profissionais são todos fáceis, mas não é." (R1, p.1)

"No entanto, a nossa entrada na faculdade está a ser cada vez mais dificultada. Cada vez mais, porque cada vez nos pedem mais exames, dos quais nós não temos matéria para os fazer, e cada vez mais a nossa entrada na faculdade vai ficando adiada (...)" (M3, p.2)

Em 60% dos cursos, estes alunos consideram também que têm uma formação e uma preparação mais próxima do mundo do trabalho, na medida em que a sua formação é específica e em contexto de trabalho: "*Nós aqui já temos uma bagagem mesmo para o ramo que estamos a desenvolver (...)*" (A2, p.1); "*Tenho a possibilidade, por exemplo, de acabar o 12.º e fazer estágio com um plano (...)*" (A1,p.1). Por fim, e em apenas 10% dos cursos, os alunos sentem-se mais bem preparados para o ensino superior, no sentido de já terem tido contacto com alguns conteúdos específicos: "*Eu acho sinceramente que vamos muito mais bem preparados para a faculdade (...) em termos de anatomia, prática, contacto com doente, temos um grande avanço relativamente aos alunos que vêm de ciências.*" (T1, p.2)

Antes de analisar as percepções dos alunos face à sua adaptação no ensino profissional, importa saber quais as motivações que estão na origem da escolha do curso, sendo elas: a escola, ser uma área de interesse, a família, as saídas profissionais, ter uma formação mais prática, as notas de anos anterior, e outros, como por exemplo, a vocação, o amor, a facilidade em tirar o 12.º ano e em escapar aos exames nacionais.



No que diz respeito à adaptação ao ensino profissional, em 90% dos cursos, os alunos declaram ter tido uma adaptação positiva ao curso, tanto no que toca às disciplinas como aos professores: "*Eu acho que foi fácil. (...) as pessoas do curso, os professores em si, e eu falo pela minha experiência, sempre se mostraram interessados e mostraram-nos apoio, e fizeram a adaptação às diferenças, que é passar para um secundário.*" (R4, p.2). Contudo, em 80% dos cursos, os alunos afirmam ter tido *dificuldade de adaptação à exigência do curso*, nomeadamente, face à carga horária, às disciplinas e ao elevado peso de trabalho: "*Eu acho que a pior adaptação foi mesmo à carga horária. (...) tínhamos um horário das 8h30 às 18h30. Saíamos daqui tardíssimo todos os dias (...)*" (C2, p.2); "*E a nível de conteúdo, ao longo dos três anos, é bastante pesado.*" (J1, p.2); "*Eu ainda senti outra, que foi a exigência que o curso tem. (...)*" A

nível da assiduidade, pontualidade, entrega de trabalhos, a maneira de estruturar os trabalhos, o vocabulário, tudo isso." (S1, p.3-4). Referem, ainda, dificuldades de adaptação à componente teórica do curso - "É muita hora de teoria seguida. (...) antes, no primeiro e metade do segundo ano era muita carga horária para teoria." (C2, p.4) -, ou seja, face ao excesso de teoria (30% dos cursos), e dificuldades de gestão social e emocional (40% dos cursos), pelo que apresentaram dificuldades ao nível da adaptação à turma, aos professores e à escola, à gestão de sentimentos, emoções e cansaço: "É assim, ao início a turma tinha imensos conflitos e eram difíceis de resolver. (...) Havia sempre imensos conflitos e pronto alguns resolvidos outros resolvidos de outras maneiras." (R3, p.1); "E foi complicado o exercício físico, o mexer com as emoções e com os sentimentos logo no primeiro ano em que começámos." (S2, p.3)

Através do discurso dos alunos, foi também possível perceber algumas potencialidades/aspectos positivos dos cursos profissionais que frequentam, sendo que 40% dos cursos destacam a relação de proximidade com os professores "(...) uma vantagem que nós temos aqui, é que temos uma proximidade com os professores que no regular não temos." (S1, p.3), 30% dos cursos a importância do contacto com a prática "E às vezes penso que algumas empresas quando vêem um currículo de alguém que fez um curso profissional já sabem que tem alguma experiência com aquilo, alguma prática. Eu acho que preferem esses alunos." (D1, p.7), e a possibilidade de trabalhar no local onde se estagiou "(...) no estágio, por exemplo, se me aceitarem, já fico lá a trabalhar." (A1, p.1). A aposta no Ensino Superior, também foi um dos aspectos referidos, ainda que por apenas 10% dos cursos "A escola não só nos prepara para o mundo do trabalho, como também nos prepara para o ensino superior e aposta muito no ensino superior, em nós seguirmos para a faculdade, para nós termos um curso superior." (M3, p.4).

Por fim, questionou-se os alunos acerca das suas perspectivas futuras, após a conclusão do curso profissional que frequentam, pelo que em 80% dos cursos, os alunos dizem querer entrar no mercado de trabalho "(...) gostava de começar a trabalhar e ganhar o meu dinheiro, para começar a ficar independente e ir mais longe." (S2, p.12-13). Contudo, em 70% dos cursos foi expressa a vontade de ingressar no ensino superior "Se conseguir passar nos exames este ano, faculdade, ou então só daqui a um ano." (T1, p.10), tendo sido referido em 20% dos cursos que, após a conclusão do curso, seria feita uma preparação para tal, visto que actualmente não se sentem preparados "Vou parar um ano, ou um ano meio, ou dois anos, o tempo que for preciso para estudar e para ganhar as bases necessárias para poder entrar na faculdade." (D2, p.15). Em 50% dos cursos, os alunos afirmaram ainda realizar futuramente formações adicionais: "(...) também queria fazer o curso de inglês, que acho que é aquela língua mesmo importante." (G, p.12), e "Eu é fazer o curso de Marketing e Relações Públicas, ou prosseguir com o CET de turismo, para especificar mais a área (...)" (G, p.12)

Docentes

Este ponto analisará as percepções dos docentes, e mais concretamente, dos directores de curso acerca do Ensino Profissional. As categorias/subcategorias aqui apresentadas foram criadas a partir das entrevistas semiestruturadas, referindo-se unicamente ao respectivo grupo de participantes – os docentes.

Dimensões de Análise	Categorias de Análise	Subcategorias de Análise	Frequência Relativa (%)	Frequência Absoluta (%)
1. Cursos profissionais	1.1. Caracterização Ensino Profissional	Representação ‘desvalorizante’ do Ensino Profissional	50%	16%
		Curso com formação em contexto de trabalho	70%	22%
		Ensino Modular	100%	31%
		Autonomia das escolas na gestão dos horários	70%	22%
		Exigência face ao número de faltas	30%	9%
	1.2. Motivações que estão na origem do curso	Adaptação à realidade e necessidades do Concelho	70%	46%
		Condições estruturais e físicas da escola	40%	27%
		Continuidade face aos cursos tecnológicos	40%	27%
2. Trabalho dos Directores de Curso	2.1. Papel do Director de Curso	Adequar o curso à visão pedagógica da escola	20%	6%
		Organizar o funcionamento do curso	50%	16%
		Estabelecer e dinamizar a ligação entre os intervenientes do curso	100%	31%
		Orientação educativa dos alunos	70%	22%
		Assegurar a articulação entre a escola e as entidades de formação em contexto de trabalho	80%	25%
	2.2. Dispositivos de avaliação que a escola tem relativamente ao funcionamento do curso	Feedback dos docentes	10%	7%
		Avaliação geral do desempenho do curso	40%	29%
		Desempenho/resultados dos alunos	60%	43%
3. Potencialidades e Constrangimentos do Curso face à escola onde está inserido	3.1. Potencialidades do Curso	Instalações e recursos da escola	40%	25%
		Organização pedagógica da escola	40%	25%
		Características socioculturais do Concelho	20%	12%
		Boa ligação entre a escola e o meio	60%	38%
	3.2. Constrangimentos do Curso	Estrutura física da escola	50%	29%
		Sobrelotação do número de alunos	10%	7%
		Dificuldades financeiras da escola	50%	29%
Estrutura curricular do curso	60%	35%		

Quadro 2: Percepção dos Docentes face ao Ensino Profissional no Concelho de Cascais

De forma a dar início à presente análise, serão apresentados os aspectos referidos pelos directores de curso que caracterizam o ensino profissional, sendo que o mais expressivo e referido pela totalidade dos docentes (100%), diz respeito a este ser um tipo de ensino modular, ou seja, que é realizado através de módulos, por pequenos conjuntos de aprendizagem, com duração variável e que estão distribuídos por três componentes de formação – formação sociocultural, formação científica e formação técnica: *"Estes blocos de matéria em sala de aula, estão divididos em módulos, portanto o ensino é modular."* (P5, p.1); *"Portanto, como é ensino modular, só tendo todos os módulos todos feitos é que tem a disciplina feita. Na parte lectiva, sala de aula, é esta a realidade."* (P5, p.1).

Foi também mencionado, por 70% dos directores de curso, que estes são cursos com formação em contexto de trabalho, visto que têm uma formação específica, numa determinada área, no qual é privilegiada a formação em contextos reais, através do estágio *"(...) tem uma componente de formação em contexto de trabalho."* (P5, p.1), *"(...) portanto os alunos quando saem daqui, estão formados de tal modo que podem começar de facto a exercer a sua actividade profissional."* (P3, p.1). Igualmente, foi indicado por 70% dos docentes, a autonomia que as escolas têm na gestão dos horários e distribuição das disciplinas, ou seja, é conferida autónoma às escolas e aos cursos, para organizar e distribuir os horários das disciplinas e dos módulos, tanto ao longo da distribuição dos três anos, como anualmente: *"Então, o curso já vem com uma pré-organização, mas fomos nós que tivemos de fazer a organização da distribuição das disciplinas, e das horas ao longo dos três anos."* (P1, p.1). O mesmo se passa com os estágios, podendo ser feito por exemplo, ao longo do curso simultaneamente com as aulas, ou num período restrito, no qual os alunos se dedicam inteiramente à formação em contexto de trabalho:

"(...) portanto há cursos que fazem os estágios no final do ano, mas como (aqui) eles têm de ter um contacto muito próximo com a instituição e com o público com que trabalham, ou seja, têm de criar laços, nós optámos por ir fazendo o estágio ao longo dos anos em 2/3 tardes, ao invés de fazer, por exemplo, durante um mês. Portanto, ir distribuindo os horários ao longo do ano" (P7, p.5).

Por fim, os directores de curso fizeram ainda referência à representação 'desvalorizante' do ensino profissional (50%), na medida em que é visto como mais fácil, e direccionado para os alunos com mais dificuldades e com percursos complicados, referindo também, e com menor expressividade a exigência face ao número de faltas (30%), na medida em que existe um regime de presenças rígido, no qual os alunos têm de assistir a 90% das aulas independentemente de haver justificação, tendo de haver sempre uma reposição das horas em falta:

"(...) nos cursos profissionais não pode haver estas faltas, como há nos outros cursos, em que o professor falta ou o aluno falta, e se tiver justificação não há problema. Aqui não, para além da

justificação têm de repor, a aula tem de ser dada, ou seja, a hora do trabalho tem de ser realizada." (P6, p.4-5)

No sentido de perceber a origem dos cursos, questionou-se os docentes acerca das motivações que levaram à criação do curso, tendo a *Adaptação à realidade e necessidades do Concelho*, (que inclui factores como: a adaptação à população; a percepção face às suas necessidades, e a sugestão da Câmara Municipal de Cascais ou meio envolvente), correspondido à motivação mais expressiva, mencionada por 70% dos docentes:

"E recordo-me que há quatro anos atrás, quando surgiu a ideia deste curso, foi justamente por perceber que a nível aqui de Cascais existiam equipamentos que poderiam precisar de mão-de-obra de trabalho na área da prestação de cuidados de saúde. E que, portanto, poderia ser um potencial interesse formar e capacitar jovens que pudessem responder a esta necessidade." (P5, p.3)

Referido por 40% dos cursos surgem outras duas motivações, nomeadamente: as condições estruturais e físicas da escola, pela adequação do corpo docente, dos recursos e espaços - *"É uma escola que foi equipada de raiz, e que tinha um corpo docente também adequado (...) é uma escola que naturalmente está vocacionada (...) a todos os níveis, quer a nível de professores, de equipamentos e de instalações específicas." (P3, p.4)* -; e a continuidade face aos cursos tecnológicos: *"O curso já vem de trás, portanto dos antigos cursos tecnológicos (...) Ao fim ao cabo ele tem sido uma sequência de todo este percurso. Aliás os professores da vertente técnica têm-se mantido sempre nesta linha." (P7, p.1)*

Relativamente ao trabalho dos directores de curso, quando questionados acerca do seu papel, percebe-se que existe um alargamento face àquilo que está definido por lei (Portaria n.º 74-A/2013), na medida em que pelos discursos se destaca o papel de *estabelecer e dinamizar a ligação entre os intervenientes do curso* (referido pela totalidade dos docentes – 100%), ou seja, um papel de gestão da equipa de trabalho, de desenvolvimento de processos motivacionais, de ligação com os encarregados de educação e com direcção e também com os parceiros: *"Entre as alunas e os encarregados de educação e as instituições e os colegas. Eu sou um pouco a ponte disto tudo." (P6, p.3)*

Foi também realçado pela maioria dos docentes (com uma expressividade de 80%) o *assegurar a articulação entre a escola e as entidades de formação em contexto de trabalho/estágio* - *"De resto, tanto no que toca a empresas, a entidades, a autarquias, aos contactos em si do curso, é feito por mim, passo por mim. Sou como que a ponte com o exterior." (P8, p.2)* -, assim como o papel de *orientação educativa dos alunos*, de acompanhamento dos mesmos, tanto a nível pedagógico como do seu projecto de vida e profissional (mencionado por 70% dos directores de curso):

"E faço muito o atendimento dos alunos. Os alunos mexem muito por dentro. Este curso faz com que se mexa muito interiormente, nos sentimentos, nas emoções, nas histórias de vida passadas, e é importante eles terem um sítio onde sabem que é um porto seguro, onde podem conversar das coisas, do que estão a sentir." (P10, p.6)

Por último, o presente grupo de participantes fez alusão a mais dois papéis, nomeadamente, *Organizar o funcionamento do curso* (referido por 50% dos docentes), ou seja, cuidar dos processos burocráticos e assegurar o funcionamento do curso de acordo com a legislação, e *Adequar o curso à visão pedagógica da escola* (referência por 20% dos directores de curso), adequar o curso aos objectivos da escola, à sua missão, e respectivos valores orientadores.

Ainda no que diz respeito ao trabalho do director de curso, ou da equipa que orienta o funcionamento do curso, indagou-se a existência de dispositivos de avaliação, por parte da escola, relativamente ao funcionamento e trabalho de gestão do curso profissional, tendo surgido 4 tipos de indicadores. O mais expressivo, mencionado por 60% dos docentes, é relativo ao desempenho e resultados dos alunos, tanto a nível dos estágios, como do cumprimento dos módulos, "*Pelos resultados, acho que é o indicador mais saliente. E os alunos têm tido bons resultados, tanto nas disciplinas, como nos estágios.*" (P8, p.2), seguindo-se de uma avaliação geral do desempenho do curso (com uma expressividade de 40%) "*(...) faz uma avaliação de desempenho, que é anual, em que são confrontados os objectivos do próprio curso profissional com aquilo que é a sua realização, e são confrontados os objectivos da instituição e daquilo que foi estipulado.*" (P5, p.5).

Os restantes indicadores dizem respeito ao *impacte do curso no exterior* (associado às saídas profissionais, à procura dos alunos, à valorização dos actores do meio, ao convite para eventos, e ao feedback das empresas), e ao *feedback dos docentes* ("*A direcção da escola recebe do director de turma e do director de curso o feedback daquilo que é o seu trabalho (...)*" (P5, p.5)), com uma expressividade de 30% e 10%, respectivamente.

Por fim, questionou-se os directores de curso acerca das potencialidades e constrangimentos do curso face à escola onde os mesmos estão inseridos, tendo sido apontadas 4 potencialidades e 4 constrangimentos no conjunto dos diversos discursos. Quanto às potencialidades alguns docentes destacaram a *boa ligação entre a escola e o meio envolvente* (cerca de 60% do grupo de participantes), tendo sido abordada a ligação afectiva existente entre a escola e os intervenientes externos ao curso/escola, a proximidade física da escola com as organizações parceiras e boa relação com o contexto envolvente e com os parceiros: "*(...) há algumas empresas aqui nesta área, e temos conseguido estágios nesta área. (...) tem havido muitas empresas que fazem parceiras connosco, que gostam até muito da escola, e dos alunos da escola.*" (P2, p.8-9).

Referido por 40% dos directores de curso, importa também assinalar potencialidades associadas às *instalações e recursos da escola*, (pela adequação das instalações, equipamentos e recursos da escola ao curso e existência de um bom corpo docente, familiarizado com a área e com o meio envolvente), e à *organização pedagógica da escola* (no que diz respeito aos docentes, órgãos

escolares e visão pedagógica da escola) - *"A estrutura da escola é também uma potencialidade. A escola tem uma boa estrutura, o que facilita muitos processos e o trabalho realizado com os alunos, assim como a organização da equipa e o trabalho que esta realiza."* (P8, p.5). Foram ainda mencionadas as *características socioculturais do Concelho* (referenciadas por 20% dos docentes), e mais concretamente, da população e das características económicas do concelho:

"(...) se tivermos em conta o tipo de população que nós temos, e voltando um bocado atrás, o curso tem perspectivas de mercado. Ainda há no mercado capacidade para absorver pessoas nesta área, pessoas com competências na área (...) Eu acho que a escola está integrada no sítio certo, aliás logo de raiz ela foi construída no sítio certo, porque o tipo de população que nós servimos precisa deste tipo de competências (...)" (P3, p.11)

No que diz respeito aos constrangimentos foi exposto por 60% dos directores de curso, as dificuldades sentidas a nível da *estrutura curricular do curso*, nomeadamente, quanto ao plano de curso que advém do Ministério da Educação, e a respectiva legislação que o orienta: *"Um constrangimento talvez seja também a forma como o programa está estruturado, e que vem do Ministério. Temos de arranjar forma de o trazer para os alunos da melhor maneira, tem realmente uma componente teórica forte, e que já não é o que os alunos procuram."* (P8, p.5); *"Enquanto num curso normal, imaginemos o português: a nota, é a nota do exame e a nota do período. Elas, como externas, a nota é só a nota do exame. Nesse aspecto os outros têm vantagem em relação a eles."* (P6, p.7)

Abordado por 50% dos docentes, elevam-se outros dois constrangimentos, nomeadamente: a *estrutura física da escola* (constrangimentos face à escassez de recursos materiais e equipamentos, e também espaços, nomeadamente no que diz respeito às disciplinas de formação técnica, e ainda constrangimentos face à localização da escola) - *"Quanto a constrangimentos, temos os informáticos e os associados às tecnologias. Como falámos há pouco temos dois softwares importantíssimos para o curso, e que como tal, estão dependentes de condições informáticas favoráveis. O que nem sempre acontece."* (P8, p.5) -; e as *dificuldades financeiras da escola* (escassez de recursos financeiros por parte da escola e ainda desinvestimento do Ministério da Educação relativamente aos cursos profissionais na escola pública) - *"Os constrangimentos são essencialmente a nível dos dinheiros, dos recursos financeiros. Nós fazemos muitas vezes omeletes sem ovos (...)"* (P7, p.7). Por último, foi ainda referido por 10% dos directores de curso, constrangimentos face à *sobrelotação do número de alunos*, ou seja, relativamente ao elevado número de alunos face às condições que a escola apresenta.

Alunos & Docentes

Por fim, neste último segmento serão comparadas as percepções dos dois grupos de participantes (alunos e docentes), ou seja, serão analisadas as categorias/subcategorias comuns, retiradas dos *focus-group* e das entrevistas semiestruturadas, visto existirem questões análogas.

Dimensões de Análise	Categorias de Análise	Subcategorias de Análise	ALUNOS		DOCENTES	
			Freq. Rel. (%)	Freq. Abs.(%)	Freq. Rel. (%)	Freq. Abs.(%)
1. Cursos profissionais	1.1. Funcionamento Geral do Curso	Avaliação positiva do corpo docente	40%	20%		
		Análise Crítica da gestão dos horários	50%	25%		
		Análise Crítica do plano curricular	50%	25%	30%	10%
		Análise crítica do processo avaliativo	40%	20%		
		Falta de interação com outras turmas	20%	10%		
		Diminuição do número de alunos ao longo dos 3 anos de curso			80%	29%
		Avaliação positiva da adesão ao curso por parte dos alunos			80%	29%
		Avaliação positiva das parcerias estabelecidas			90%	32%
	1.2. Espaços	Percepção positiva dos espaços	50%	50%	70%	54%
		Percepção de melhoria dos espaços	20%	20%	20%	15%
		Percepção de escassez de espaços	30%	30%	40%	31%
	1.3. Recursos	Percepção de escassez de recursos materiais e equipamentos	70%	46%	30%	27%
		Percepção de escassez de recursos financeiros	40%	27%	50%	46%
Percepção de bons recursos materiais e equipamentos		40%	27%	30%	27%	
2. Percorso Escolar dos alunos do Ensino Profissional	2.1. Dificuldades dos Alunos	Dificuldade face ao ritmo de trabalho e às disciplinas			80%	28%
		Dificuldade de Ingresso no Ensino Superior	60%	26%	60%	21%
		Dificuldade de gestão comportamental, emocional e familiar	60%	26%	70%	24%
		Dificuldades vocacionais e face à definição do projecto de vida			30%	10%
		Dificuldade face à Representação social negativa do curso	20%	9%		
		Dificuldade face à organização e funcionamento do curso	90%	39%	50%	17%
	2.2. Apoios aos Alunos	Pares	80%	20%		
		Família	100%	26%		
		Parceiros de Estágio	50%	12%		
		Professores/ Director de Turma	100%	26%	100%	59%
		Director de Curso	30%	8%	20%	12%
		Direcção da Escola	30%	8%		
		Gabinetes de Apoio			50%	29%

3. Ligação ao mundo do trabalho	3.1. Oportunidades na ligação ao mundo do trabalho	Participação em Congressos/Eventos/Workshops	70%	22%	70%	23%
		Formação em Contexto de trabalho/Estágio	80%	25%	80%	26%
		Seminários de orientação da formação em contexto de trabalho			30%	9%
		Contacto directo com intervenientes do meio	90%	28%	80%	26%
		Organização e Promoção de Eventos/Actividades	60%	19%	50%	16%
		Prova de Aptidão Profissional (PAP)	20%	6%		
	3.2. Competências úteis à integração no mundo do trabalho	Comunicação e língua materna	20%	6%	30%	9%
		Comunicação em línguas estrangeiras	20%	6%	10%	3%
		Competência matemática e competências básicas em ciências e tecnologias	90%	26%	100%	30%
		Competência Digital	40%	11%	40%	13%
		Aprender a aprender	30%	9%	30%	9%
		Competências sociais e cívicas	90%	26%	80%	24%
		Espírito de iniciativa e espírito empresarial	50%	14%	30%	9%
Sensibilidade e expressão culturais	10%	2%	10%	3%		

Quadro 3: Análise comparativa entre as percepções do Alunos e dos Docentes face ao Ensino Profissional no Concelho de Cascais

Para início de análise, serão abordados aspectos caracterizadores do funcionamento dos cursos profissionais, assim como no que diz respeito aos seus espaços e recursos. Assim sendo, e tendo como referência o quadro anterior (Quadro 3), percebe-se que quando questionados acerca do funcionamento dos cursos, foram apontados diferentes aspectos por parte dos dois grupos de participantes, havendo apenas um em comum, nomeadamente, a *análise crítica do plano curricular* (referido por alunos de 50% dos cursos, e por 30% dos directores de curso), ou seja, a análise crítica à organização do plano curricular, e mais concretamente, face à distribuição do número de horas por módulo e por ano lectivo, a análise crítica à adaptação das disciplinas ao curso, e relativamente à actualização dos conteúdos face à realidade, sendo este um plano que advém do Ministério da Educação.

Quanto aos alunos, em 50% dos cursos é feita uma *análise crítica da gestão dos horários*, tanto pela má gestão dos horários de estágio e de aulas, como pela elevada carga horária que têm ("*(...) ou o estágio é de manhã, e aulas à tarde, ou vice-versa. Não há uma organização certa.*" (R4, p.2), "*Mas também devido ao excesso de carga horária que nós temos, também é complicado termos mais horas do que quer que seja.*" (R5, p.7)). Fazem ainda, e com uma expressividade de 40%, uma *avaliação positiva do corpo docente* ("*Em termos de professores também é óptimo.*" (A5, p.6)), e uma *análise*

crítica do processo avaliativo, pela alusão ao elevado volume e dispersão de trabalho, à exigência face à gestão do número de faltas e à incoerência relativamente à avaliação dos módulos:

"E outra coisa é que acho que há muita gente injustiçada, porque nós esforçamo-nos para passar no teste, esforçamo-nos para o trabalho, e passamos o módulo com 10, com 11, ou com 12. E depois há pessoal que chumba no teste, que não faz o trabalho, chumba no módulo, e a seguir vai fazer dois ou três trabalhos e tem o módulo feito." (R4, p.14)

"(...) nestes anos temos de começar a fazer uma gestão das faltas totalmente diferente dos cursos normais." (G, p.2)

Por último, os alunos de 20% dos cursos referem também que existe falta de interação e proximidade com as restantes turmas da escola: *"Nós não temos interação com o resto da escola. (...) não temos contacto com os outros alunos." (A3, p. 13)*

Os docentes, e quase por unanimidade (com uma expressividade de 90%), fazem uma *avaliação positiva das parcerias estabelecidas*, tanto pelo apoio aos estágios, como pela existência de outras acções, como por exemplo, formações e cedência de espaços *"As turmas vão uma vez, de 15 em 15 dias, ao CCC ter formação no âmbito das várias expressões, que é na plástica, na dramática e na musical." (P6, p.1)*. Por fim, e mencionado por 80% dos directores de curso, importa salientar outros dois aspectos relativos ao funcionamento: a *diminuição do número de alunos ao longo dos 3 anos de curso*; e a *avaliação positiva que fazem da adesão ao curso por parte dos alunos*, não só quanto à procura do curso - *"Nunca tivemos baixa, ou falta de procura para ingressar no curso." (P5, p.2)* -, mas também pela adaptação e bons resultados que vão verificando nos alunos - *"(...) aqueles que conseguem chegar ao final do 10.º ano, a maior parte deles vão crescendo ao longo do curso, e conseguem construir bem o seu percurso." (P7, p.2)*.

Relativamente aos espaços em que os cursos decorrem, para ambos os grupos de participantes a maior expressividade recai para uma *percepção positiva dos espaços* existentes (referido por alunos de 50% dos cursos, e por 70% dos directores de curso), havendo também uma igual percentagem em ambos (de 20%) no que diz respeito a uma *percepção de melhoria dos espaços* *"É assim, em relação ao espaço, já estivemos pior. Tem sido remodelado o nosso espaço (...)." (C2, p.4)*. No entanto, importa ainda mencionar, que alunos de 30% dos cursos e 40% dos docentes afirmam existir falta de espaços, o que por sua vez, em alguns casos leva à necessidade de recorrer a instalações externas ao recinto escolar.

Quanto aos recursos, os alunos destacam a escassez de recursos materiais e equipamentos, pela sua insuficiência e desadequação (tendo sido referido em 70% dos cursos), enquanto os directores de curso (com uma expressividade de 50%) mencionam a escassez dos recursos financeiros, afirmando um desinvestimento por parte do ministério *"(...) temos equipamentos, embora um bocadinho*

desactualizado devido ao desinvestimento do ministério da educação nos cursos profissionais que estão a funcionar em escolas públicas." (P3, p.1).

Seguidamente serão analisados aspectos relativos ao percurso escolar dos alunos do ensino profissional, e mais concretamente, as suas dificuldades e os apoios que têm disponíveis. Quanto às dificuldades, e observando o Quadro 3, é possível perceber que tanto alunos como professores vêem o ingresso no Ensino Superior como algo dificultado (60% em ambos), sendo que os alunos afirmam não haver uma preparação para os exames nacionais *"Por exemplo, o M4 quer entrar para a faculdade no próximo ano, e nós aqui temos biologia durante um ano, o que é ridículo. (A3, p.1)*, enquanto os docentes, numa mesma linha, mencionam que os alunos não fazem a preparação necessária para as provas de ingresso solicitadas, pois algumas disciplinas e/ou conteúdos não constam no seu plano curricular, ou tornam-se insuficientes para a realização do exame:

"Este ano, essa saída para o Ensino Superior ficou um bocado dificultada, porque os alunos que queriam seguir tinham de fazer apenas o exame de equivalência de português, e apesar de eles terem um português um pouco mais leve que os alunos do curso geral, eles esforçavam-se um pouco mais, e faziam esse exame para seguir para o Ensino Superior (...) Este ano, isto fica um bocadinho dificultado, porque o acesso ao Ensino Superior é feito agora com mais exames, e de disciplinas que eles não têm no curso." (P7, p.1)

Com valores muito semelhantes (60% referente aos alunos e 70% aos directores de curso) importa salientar as dificuldades sentidas ao nível da gestão comportamental, emocional e familiar, sendo que nos alunos diz respeito a dificuldades de entendimento entre a turma, de cansaço e desmotivação, de indiferenciação entre os alunos da própria turma/curso relativamente aos comportamentos e atitudes, e ainda de exposição do corpo e à vontade com as expressões - *"Nós estávamos tão cansadas e desmotivadas, que nos dávamos todas mal umas com as outras." (T1, p.6)*, *"E ainda por cima quando estamos a lidar não só com trabalho, mas também com jeito, com talento... E quando vemos que os outros, por exemplo, estão muito mais avançados do que nós, e que em certa altura estamos a ficar para trás." (A5, p.4)* -, enquanto nos docentes diz respeito a dificuldades sentidas nos alunos a nível do saber estar, da exposição do corpo quando necessária, da gestão de problemas sociais e familiares, e ainda da gestão das emoções e sentimentos, nomeadamente, quanto à valorização e sucesso do seu trabalho - *"Embora eles às vezes achem que a exposição do corpo não é uma coisa que os preocupa, quando chega a altura é sempre uma coisa em que nós temos de ajudar um bocadinho, e nem sempre é fácil." (P4, p.5)*, *"(...) muito rapidamente aqueles que conseguem, vão por aí fora, e aqueles que sentem que conseguem um bocadinho menos desmotivam-se do seu sonho. Pronto, e manter este sonho aceso não é fácil às vezes para alguns alunos." (P10, p.10).*

Destacado essencialmente pelos docentes, tendo sido referido por 90% dos mesmos, mas também por alunos de 50% dos cursos, surge a *dificuldade face à organização e funcionamento do*

curso: os alunos afirmam dificuldade face às disciplinas, à sua organização e distribuição de tempo ao longo do curso, face à desadequação e indisponibilidade dos materiais e equipamentos existentes, face à escassez de espaços, e ao aumento das turmas, e por fim, face à má gestão dos horários e tempos de estágio e de aulas; por sua vez, os docentes referem-se a dificuldades sentidas nos alunos relativamente à forma como o curso está organizado e seu funcionamento, à carga horária, ao regime de presenças exigidos, e ao modo de avaliação (ensino modular).

Os alunos mencionam ainda *dificuldades face à representação social negativa do curso* que frequentam e do ensino profissional em geral (face à forma como outros entendem e vêem o curso): "(...) o facto de as pessoas de fora do curso já terem uma imagem definida sobre o que são as pessoas do curso (...) A imagem é de que são barulhentos, são mal criados, são indisciplinados, não querem saber, estão completamente desinteressados." (D2, p.4).

Por fim, os docentes apontam ainda mais duas dificuldades: *dificuldade face ao ritmo de trabalho e às disciplinas* (referida por 80% dos docentes), associada às fracas bases e ao aproveitamento escolar dos alunos - "*Portanto, quando vem o nono ano atrapalhado, e para trás atrapalhado, depois também lhes custa a apanhar o ritmo. Algumas nunca chegam a apanhar o ritmo, vão andar sempre, o curso inteiro, ali no 10/11 (...)*" (P5, p.6) -; e *dificuldades vocacionais e face à definição do projecto de vida* (referenciada por 30% dos docentes), na medida em que persistem dificuldades quanto à definição de objectivos, de áreas de interesse, e quanto à definição e prossecução dos projectos de vida - "*Portanto, para mim a inadaptação deles, está relacionada com o perceberem o que é que estão cá a fazer. (...) Eles perceberem «o que é que eu tenho de fazer»... (P9, p.5)*".

No que se refere aos apoios importa salientar o tipo de questão realizada, visto que os alunos foram questionados acerca de quais consideravam ser os seus maiores apoios dentro e fora da escola, enquanto os docentes foram questionados acerca de quais os apoios disponibilizados aos alunos do curso profissional. Assim, importa referir que tanto os alunos como os directores de curso vêem os *professores/director de turma* como um apoio, tendo uma expressividade de 100% em ambos. Para além do *director de curso* (também mencionado pelos alunos como um apoio) os docentes fazem também referência aos *gabinetes de apoio* que existem na escola, tanto a nível social, psicológico como pedagógico e educativo "*Nós criámos aqui na escola um gabinete que se chama "Gabinete mais saúde", que tem três valências: tem a valência da saúde física, tem a valência do apoio social, e tem a psicóloga.*" (P5, p.6).

Os alunos destacam ainda a *família* como um apoio fundamental (referido pela totalidade dos cursos), e mais concretamente a família nuclear, ou seja, os pais, e no que diz respeito à motivação "*É a minha mãe! (...) Porque ela dá-me muito na cabeça. Eu falto, ela dá-me na cabeça para não faltar e isso tudo. É ela que me abre os olhos, é isso.*" (G, p.7). Referido em 80% dos cursos, figuram também os

pares, ou seja, colegas de curso e amigos fora do curso "O meu apoio são os meus amigos, que eles é que me ajudam em algumas disciplinas em que eu tenho mais dificuldade." (T1, p.6), "Ainda hoje de manhã, que eu cheguei tarde, adormeci, e quando mal cheguei... antes de chegar à escola levei logo nas orelhas. Já tinha percebido que tinha feito mal, não foi preciso terem-me dado na cabeça, mas é necessário." (A1, p.8).

Por último, em 50% dos cursos foram salientados os *parceiros de estágio*, ou seja, o apoio das entidades e organizações nas quais os alunos estagiam, ou são solicitados para alguma actividade/evento, uma vez que este se traduz num apoio a nível da transposição dos conhecimentos para a prática, e de recursos e espaços: *"(...) muitas vezes nos dá a possibilidade de podermos fazer coisas fora da escola." (A5, p.8-9).*

Um outro ponto de interesse do presente estudo diz respeito à ligação ao mundo do trabalho. Neste sentido, tentou-se perceber quais as oportunidades proporcionadas pelo curso e pela escola e quais as competências importantes e desenvolvidas pelos alunos para a integração no mundo trabalho.

No que diz respeito às oportunidades de ligação ao mundo do trabalho, observam-se resultados semelhantes em ambos os grupos de participantes, dos quais a *participação em Congressos/Eventos/Workshops*, com 70%, e a *Formação em contexto de trabalho*, ou seja, o estágio, com 80%. Pela expressividade, tanto nos alunos (de 90%), como nos docentes (de 80%), importa destacar o *contacto directo com intervenientes do meio*, que corresponde, por exemplo, a formações com actores das áreas específicas de cada curso e a visitas de estudo *"(...) tivemos a observação de crianças. (...) Observar, e escrever o que é que nós notávamos que eles sentiam, as partilhas que eles faziam. Depois, foi conhecer uma instituição onde eles estavam também (...)" (I, p.6).* Com 60% e 50%, por alunos e docentes, respectivamente, foram abordadas oportunidades relacionadas com a organização e promoção de eventos/actividades: *"Eles às vezes apresentam espectáculos que têm componente dramática, componente plástica, componente musical. Eles estão habituados a apresentar ao público esses espectáculos. Constroem espectáculos, trabalham desde marionetes, sombras. Portanto, estão habituados a construir produtos." (P7, p.7).*

A *Prova de Aptidão Profissional (PAP)* foi também considerada por alguns alunos (em 20% dos cursos) uma oportunidade de ligação ao mundo do trabalho. Por outro lado os docentes mencionaram também a existência de *seminários de orientação da formação em contexto de trabalho*, por forma a apoiar e a fazer um balanço dos estágios:

"(...) à sexta-feira, não vão ao estágio e vêm para a escola, e nós partimos pedra com aquilo que aconteceu durante a semana. Todas estas coisas do domínio humano, que têm a ver com o aplicar na prática aquilo que elas deram na teoria e que vai esbarrar com o humano, com tudo o que é emocional (...) elas têm de vir, e têm de falar sobre isso, as dificuldades, as alegrias. Todas as

semanas temos de partir pedra, que é aqui como nós dizemos, partir pedra, para elas poderem ir metabolizando o que vivem no estágio." (P5, p.9-10)

Quanto às competências úteis à integração no mundo do trabalho, a subcategorização realizada teve em conta o quadro de referência europeu, e mais concretamente as competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida (2007) – “*competências necessárias a todas as pessoas e para a realização e o desenvolvimento pessoais, para exercerem um cidadania activa, para a inclusão social e para o emprego*” -, das quais duas foram essencialmente salientadas por ambos os grupos de participantes: a *Competência matemática e competências básicas em ciências e tecnologias*, que traduzem as competências técnicas desenvolvidas em cada curso; e as *Competências sociais e cívicas*, que expressam competências pessoais, interpessoais e interculturais, assim como tipos comportamentos que possibilitam uma participação activa, eficaz e construtiva do individuo, nas dimensões sociais e laborais: “*Saber e conseguir gerir tudo e mais alguma coisa, saber controlar aquilo que queremos dizer mas não podemos. É basicamente saber lidar com todo o tipo de pessoas.*” (J1, p.9); “*Depois há pontos que a N já disse, como a pontualidade, a assiduidade, que em qualquer trabalho tem de se ter (...)*” (C2, p.9).

Conclusão

A análise realizada permitiu perceber que o Ensino Profissional é visto e encarado, por alunos e docentes, como uma modalidade de ensino mais ligada ao mundo do trabalho e com uma formação e preparação mais específica. No entanto, é percebida e sentida por muitos como algo que não é valorizado pela sociedade, na medida em que é entendida como uma via de ensino mais fácil, e direccionada para os alunos com mais dificuldades, o que por sua vez, leva os alunos a sentirem-se desvalorizados face ao trabalho que realizam.

Porém, foi possível constatar pelos resultados apresentados e pelo discurso de ambos os grupos de participantes, que as maiores dificuldades destes alunos residem, numa primeira instância, na adaptação à exigência do curso e às suas disciplinas, tanto pelo elevado peso de trabalho, como pela elevada carga horária que têm, sendo também de salientar a adaptação a um novo tipo de ensino e de avaliação, ou seja, por módulos. Neste sentido, importa mencionar uma outra dificuldade sentida pelos alunos, que por sua vez, é também apontada pelos directores de curso como um constrangimento, nomeadamente a estrutura curricular que os cursos apresentam, que abarca não só o plano de estudos e os conteúdos das disciplinas, referenciados por alguns cursos como estando desadequados e desactualizados, como também a legislação que o orienta.

O ingresso no Ensino Superior, referido por muitos alunos como sendo uma perspectiva de futuro após a conclusão dos cursos, mostrou também ser uma das dificuldades e preocupações sentidas por alunos e docentes, uma vez que não é executada uma preparação para a realização das provas de ingresso, sendo que o próprio plano de estudos não está preparado para o mesmo, ou por insuficiência dos conteúdos leccionados ou por não haver tempo suficiente de ensino das disciplinas solicitadas para a entrada no ensino superior.

Um outro aspecto interessante diz respeito às estruturas das escolas, e mais concretamente no que se refere aos recursos e equipamentos, pelo que para alguns directores de curso é encarado como uma potencialidade (com uma expressividade de 40%), enquanto para outros é entendido como um constrangimento (com uma expressividade de 50%). Assim sendo, importa destacar o esforço realizado por algumas escolas, cursos, e docentes para melhorar as condições dos cursos, tanto quanto aos recursos, espaços e equipamentos, como na adaptação das disciplinas à realidade actual, e pelas oportunidades proporcionadas aos alunos para a ligação ao mundo do trabalho, como ainda pelas parcerias estabelecidas.

Por fim, importa também referir que dos alunos inquiridos, 76% afirmaram que voltariam a escolher o mesmo curso, tendo sido apresentadas as seguintes razões: gosto pelo curso e interesse pela área; as saídas profissionais; a boa formação pessoal e profissional; o contacto mais próximo ao

mundo do trabalho e com vivências e realidades diferentes; e ainda que com a existência de algumas falhas/dificuldades, o curso oferece a aprendizagem desejada na área. Por outro lado os 24% dos alunos que afirmaram que não voltariam a escolher o curso referiram: que este não tem disciplinas fundamentais para a formação pretendida; que existe uma maior dificuldade em entrar para a faculdade; que as saídas profissionais não são as perspectivadas; que a área não é a pretendida; que o mercado de trabalho não se apresenta favorável, e por último, mostraram preferência pelos cursos tecnológicos.

Referências Bibliográficas

- ✓ Azevedo, J. (2009). Escolas profissionais 1989-2009: As oportunidades e os riscos de uma inovação educacional que viajou da margem para o centro. In Azevedo, J. *O Ensino Profissional – Analisar o Passado e Olhar o Futuro* (pp. 12- 49). Lisboa: Universidade Católica
- ✓ Azevedo, J. (2013). Ensino Profissional: Dignificar em vez de destruir. *Escola Informação*, 256, 6-8
- ✓ Decreto-Lei n.º 139/2012. DR n.º 129, Série I de 2012-07-05
- ✓ Decreto-Lei n.º 91/2013, DR 131, Série I, de 2013-07-10
- ✓ Portaria n.º 74-A/2013. DR n.º 33, Suplemento, Série I de 2013-02-15

Anexos

Guião de Entrevista aos Coordenadores/Directores de Curso

Objectivo geral:

- ❖ Conhecer as percepções acerca da gestão e funcionamento do curso profissional

Objectivos específicos:

- ❖ Conhecer a trajectória, o funcionamento e as motivações que estão na origem do curso profissional
- ❖ Conhecer a acção desenvolvida pelo coordenador/director no seu contexto de trabalho.
- ❖ Compreender as percepções dos coordenadores face ao percurso escolar dos alunos do curso profissional
- ❖ Perceber as competências desenvolvidas e as oportunidades disponibilizadas aos alunos relativamente à integração no mundo do trabalho.

Blocos temáticos	Objectivos	Categorias	Questões	Indicadores
A. Legitimação da entrevista	Esclarecer o objectivo do trabalho	Breve explicação dos objectivos gerais e específicos do trabalho/entrevista	<i>Esta entrevista tem por objectivo recolher alguma informação acerca da gestão e funcionamento do ensino profissional.</i>	
	Agradecer a sua participação	Agradecimento da disponibilidade	<i>A sua participação será de extrema importância para o desenvolvimento e sucesso da realização do presente trabalho.</i>	
	Garantir a confidencialidade dos dados	Confidencialidade dos dados recolhidos	<i>Gostaríamos de salientar a confidencialidade da informação recolhida, uma vez que é apenas para fins académicos.</i>	
	Oferecer o trabalho finalizado	Trabalho finalizado	<i>Encontramo-nos disponíveis para lhe fornecer os resultados obtidos com a realização do trabalho.</i>	
	Pedir autorização para gravar a entrevista	Autorização para gravar a entrevista	<i>Concede-nos a autorização para gravar a entrevista?</i>	
B. Trajectória, funcionamento e motivações que estão na origem do curso profissional	Perceber a trajectória e funcionamento do curso profissional	Funcionamento	<i>Fale um pouco acerca do curso profissional de que é responsável</i>	Trajectória; Adesão dos alunos; Plano curricular; Parcerias; Espaços; Duração;
	Identificar as motivações que estão na origem do curso profissional	Motivações	<i>Quais os factores ou motivações que estão na origem do presente curso profissional?</i>	

C. Trabalho do coordenador/ Director	Conhecer a acção desenvolvida pelo coordenador no seu contexto de trabalho	Funções/tarefas do coordenador de curso/director	<i>Como vê o seu papel enquanto coordenador de curso/ director?</i>	A que dá mais importância Com quem estabelece relações mais directas
		Dispositivos de avaliação do trabalho	<i>Quais os dispositivos de avaliação que a escola tem relativamente ao funcionamento e trabalho de gestão do curso profissional?</i>	
D. Percurso Escolar	Perceber a percepção do coordenador quanto às dificuldades sentidas pelos alunos	Dificuldades	<i>Quais as dificuldades dos alunos na inserção do curso profissional?</i> <i>Como são geridas as dificuldades sentidas?</i>	
	Compreender os apoios disponibilizados pela escola aos alunos do curso profissional	Apoios	<i>Quais os tipos de apoios disponibilizados aos alunos do curso profissional?</i>	
E. Ligação ao mundo do trabalho	Perceber que tipo de oportunidades é que a escola proporciona aos alunos na ligação ao mundo laboral	Oportunidades	<i>No que diz respeito à ligação ao mundo do trabalho, que tipo de oportunidades é que a escola disponibiliza aos alunos?</i>	Networking (rede de contactos)
	Identificar as competências desenvolvidas pelos alunos ao longo do curso profissional	Competências	<i>Quais as competências desenvolvidas ao longo do curso uteis à integração no mundo do trabalho?</i> <i>Como é que a preparação dos alunos é feita nesse sentido?</i>	
F. Considerações Finais	Identificar as potencialidades e problemas	Potencialidades e problemas	<i>Que potencialidades ou constrangimentos consegue identificar no curso profissional tendo em conta, concretamente, a escola onde é realizado, e as suas características específicas?</i>	
		Considerações finais	<i>Deseja acrescentar algum aspecto que não tenha sido referido anteriormente?</i>	
	Concluir a entrevista	Agradecimentos	<i>Muito obrigado pela disponibilidade demonstrada e pela colaboração no nosso trabalho.</i>	

Questionário

Ensino Profissional no Concelho de Cascais

Desde já, gostaríamos de agradecer a tua fundamental participação.

Este questionário elaborado em colaboração com a Câmara de Cascais, no âmbito do mestrado em Administração Educacional do Instituto de Educação, da Universidade de Lisboa, tem como objectivo recolher as percepções dos alunos do Ensino Profissional do Concelho de Cascais relativamente aos cursos que frequentam.

Relembramos que o questionário é confidencial e, como tal, pedimos que não assines o teu nome em lugar algum. Há ainda um compromisso face as questões éticas da confidencialidade e do direito à privacidade, pelo que apelamos à participação na nossa investigação com a máxima sinceridade.

Muito obrigado!

2013-2014

1. Dados Pessoais

1.1

a) Idade: _____

b) Sexo: Feminino Masculino

c) Escola: _____

d) Curso: _____

e) Ano: _____

f) Retenção escolar:

Sim Em que ano? _____

Não

2. Curso Profissional

2.1. Quais as motivações que te levaram a escolher este curso profissional?

Escola

Área de Interesse

Família

Saída Profissional

Formação mais prática

Notas de anos anteriores

Outro

Qual? _____

2.2. Tendo em conta o Funcionamento do curso que frequentas classifica-o segundo os seguintes critérios (assinala com X)

	1 (totalmente desadequado)	2 (pouco adequado)	3 (adequado)	4 (muito adequado)
Duração total do curso				
Organização do Curso				
Disciplinas Técnicas				
Disciplinas Gerais				
Carga horária				

2.3. Tendo em conta os Recursos e Espaços do curso que frequentas classifica-o segundo os seguintes critérios (assinala com X)

		1 (totalmente desadequado)	2 (pouco adequado)	3 (adequado)	4 (muito adequado)
Recursos	Materiais				
	Equipamentos				
Espaços	Componente teórica				
	Componente prática				

2.4. Tens conhecimento de Parcerias entre o teu curso e outras escolas ou empresas? (No caso de responder não passa para o grupo 3)

Sim

Quais? _____

Não

2.5. Como classificas a pertinência das Parcerias assinaladas na questão anterior? (assinala com X)

	1 (nada pertinente)	2 (pouco pertinente)	3 (pertinente)	4 (muito pertinente)
Outras Escolas				
Empresas				

Justifica a tua resposta:

2.6. Como classificas a relação existente com outras turmas de cursos científico-humanísticos (Assinala com x)?

	1 (nada próxima)	2 (pouco próxima)	3 (próxima)	4 (muito próxima)
Visitas de Estudo/ Intercâmbios				
Utilização de Serviços (ex.: Biblioteca, bar, etc.)				
Intervalos e espaços de convívio				
Eventos Desportivos/Desporto Escolar/				
Concursos				
Semana da Escola/ Clubes				
AE, Rádio de Escola				

3. Ligação ao Mundo do Trabalho

3.1. Que actividades ligadas ao mundo do trabalho já tiveste ou tens?

Voluntariado

Part-time

Full-time

Trabalho de Férias

Nenhuma

Outro

Qual? _____

3.2. Quais achas serem as competências necessárias à integração no mundo do trabalho?

3.3. Que oportunidades te proporcionou a escola na ligação ao mundo do trabalho ou na aquisição destas competências necessárias à integração no mundo do trabalho?

3. Dificuldades/Apoios

4.1. Qual o teu grau de dificuldade de adaptação ao curso profissional? (Assinala com x)

	1 (nada difícil)	2 (pouco difícil)	3 (difícil)	4 (muito difícil)
Adaptação ao curso				

4.2. Que dificuldades sentiste na adaptação ao curso profissional?

4.3. Quais consideras serem os teus apoios fora da escola na supressão de dificuldades?

i. Fora da Escola: _____

4.4. Assinala com x a importância destes intervenientes, dentro da tua escola, na resposta às dificuldades sentidas no curso profissional (Assinala com x)

	1 (nada importante)	2 (pouco importante)	3 (importante)	4 (muito importante)
Conselho Pedagógico				
Director de Curso				
Director de turma/orientador educativo				
Psicólogo				
Amigos/Colegas				
Direcção da Escola				
Professores				
Entidade de acolhimento (tutor)				
Gabinete de Apoio ao Aluno				
Outro: _____				

4.5. Voltarias a escolher o mesmo curso?

Sim

Não

Justifique: _____

Obrigado pela colaboração!

Focus- Group

Destinatários: Alunos de 3º Ano (de modo a já poderem fazer um balanço de curso que frequentaram, no sentido de aprofundar ideias recolhidas no questionário)

Sensibilização:

1. Como se sentem enquanto alunos do ensino profissional?
O que é ser um aluno do ensino profissional?
2. Como descrevem a vossa adaptação no ensino profissional, e em particular no vosso curso?
Relembrando a inserção no ensino profissional como descrevem a vossa adaptação no curso profissional?

Exploração:

3. Qual a vossa opinião acerca do funcionamento do curso, no que diz respeito aos espaços (componente teórica vs componente prática) e recursos (materiais e equipamentos) disponibilizados?
4. Quais as maiores dificuldades sentidas no vosso percurso enquanto alunos do ensino profissional?
5. Quais têm sido os vossos apoios neste percurso (fora e dentro da escola)?
6. Exemplifiquem algumas situações em que sentiram esse apoio.
7. Na vossa opinião quais são as competências mais importantes e necessárias à integração no mundo do trabalho?
8. De que forma é que a escola e o vosso curso, mais especificamente, vos proporcionaram oportunidades na ligação ao mundo do trabalho ou na aquisição de competências necessárias à integração no mundo do trabalho?

Fecho:

9. Gostariam de acrescentar algum aspecto que não tenha sido referido anteriormente?